

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA (UFRO)
CENTRO DE HERMENÊUTICA DO PRESENTE

PRIMEIRA VERSÃO

ANO II, Nº53 - JUNHO - PORTO VELHO, 2002
VOLUME IV
ISSN 1517-5421

EDITOR

NILSON SANTOS

CONSELHO EDITORIAL

ALBERTO LINS CALDAS - História
ARNEIDE CEMIN - Antropologia
ARTUR MORETTI - Física
CELSO FERRAREZI - Letras
FABÍOLA LINS CALDAS - História
JOSÉ JANUÁRIO DO AMARAL - Geografia
MARIA CELESTE SAID MARQUES - Educação
MARIO COZZUOL - Biologia
MIGUEL NENEVÉ - Letras
VALDEMIR MIOTELLO - Filosofia

Os textos de até 5 laudas, tamanho de folha A4, fonte Times
New Roman 11, espaço 1.5, formatados em "Word for Windows"
deverão ser encaminhados para e-mail:

nilson@unir.br

CAIXA POSTAL 775
CEP: 78.900-970
PORTO VELHO-RO

TIRAGEM 200 EXEMPLARES

EDITORA UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA

PRIMEIRA VERSÃO

ISSN 1517-5421

lathé biosa **53**



**GÊNERO E ANTROPOLOGIA DO
IMAGINÁRIO: BACHELARD E OS PODERES
DO ANDRÓGINO**

ARNEIDE CEMIN



Arneide Cemin

Professora de Antropologia – UFRO

Centro do Imaginário Social

cemin@portovelho.br

Gênero e Antropologia do Imaginário:

Bachelard e os Poderes do Andrógino

A categoria gênero enfoca o processo de construção sócio-cultural da feminilidade e da masculinidade em diferentes sociedades, tendo como parâmetro algumas teorias sociais. Para o marxismo, por exemplo, o cerne da questão é o fato de sermos explorados - a exploração começaria na família pela subordinação do trabalho feminino ao patriarcalismo. Tratar-se-ia, nesse caso, de relação social revestida de duplo caráter: material e ideológico. Para a Socioantropologia Francesa, em sua abordagem simbólica-funcional-estrutural (cito Durkeim, Mauss, Lévi-Straus e Pierre Bourdieu), a resposta estaria no processo de socialização, ou seja, no modo como mulheres e homens desde o nascimento são incluídos ou excluídos de relações sociais.

As relações sociais estudadas pela Escola Francesa podem ser agrupadas em três grandes temas: a "*troca de dons*" – bens, mulheres e mensagens -; as relações do tipo "*totem e tabu*" – identificação, projeção, repressão, sublimação, lei, idealização – e, as "*técnicas corporais*". Nessa última perspectiva, o corpo é a base material das técnicas corporais e constitui o primeiro instrumento técnico do homem. Sobre ele a sociedade inscreve a sua marca, de modo que o corpo pode revelar a história social do sujeito.

Do ponto de vista existencial, a finitude do corpo e a possibilidade da infinitude do "espírito" polarizam as reflexões. Para vários autores, sob a influência de Heidegger, dos quais destaco Gilbert Durand e Edgard Morin, a função do imaginário é erguer, via eufemização, uma barreira contra a finitude, o tempo e a morte. Para Morin, depois de a sexualidade ter sido incluída, após as revoluções comportamentais dos anos 1960, a morte é o nosso mais recente excluído.

Ainda do ponto de vista existencial, temos aquilo que a Antropologia chama de "pontos fortes da existência": nascimento, procriação, maturidade e morte. Vemos então, que o fato de sermos "existentes" implica o enfrentamento das categorias de tempo e de espaço, enquanto topologia e temporalidade mental e física. Ao abordar esta questão, Durand argumenta que o imaginário deve ser compreendido a partir de uma "fantástica transcendental" que só pode ser espacial.

Quanto a Bachelard, o seu tempo é nostálgico, ele valoriza o devaneio da infância, escolhe o repouso como "*locus*" da alma, e não desenvolve, por exemplo, o tema da "subjetividade maquínica", insistentemente evidenciadas pelos "pós-modernos", dos quais, cito Guattari e Deleuze. Bachelard é moderno. No âmbito dessa temporalidade ele nos dá muitas lições sobre a nossa relação com aquilo que imaginamos sobre a materialidade do homem e do cosmos. Ou melhor, sobre a nossa relação com as substâncias cósmicas já trabalhadas pelas filosofias tradicionais, nos moldes da representação clássica: "As quatro similitudes" de Foucault (1992).

O trabalho do qual fala Bachelard, é o trabalho do pensamento materializado por palavras (o dizer social); processos de fabricação (técnicas – o saber/fazer); utensílios (os artefatos); afetos (os diferentes modos de sentir). Para ele, o nascimento do homem ocorre com o pensamento e o pensamento é definido pela produção de tropos, metáfora, sentido figurado.

A categoria de gênero, Bachelard a discute no último livro da série que ele escreveu sobre o imaginário: “A poética do devaneio”, tomando como parâmetro a “psicologia das profundezas”, proposta por Jung. Considera que o eu é sempre duplo, pois em concordância com Jung, ele postula que o eu é andrógino, e fala sobre os “poderes da androginidade”. Mas, o que seria isso? Vou seguir Bachelard muito de perto. Ele é um autor por demais instigante, ama os livros e as palavras e elas jorram cintilantes, precisas, quase insubstituíveis, como nas traduções. Dá pena parafraseá-lo, interpretá-lo; ao mesmo tempo, sua companhia é por demais tentadora e não dá para ficar apenas desfrutando o prazer de ouvi-lo, assim, nos arriscamos.

O que há por baixo da máscara supermasculina de Zaratustra?

Bachelard começa reafirmando sua condição de “sonhador de palavras escritas” e declara uma de suas “loucuras”: para cada palavra masculina sonha uma palavra feminina. O autor apresenta ainda, uma tese – o devaneio é um dos estados femininos da alma. O sonho é masculino. Do mesmo modo, distingue os conceitos como masculinos e as imagens como femininas.

Propõe-se a estudar a situação da mulher apenas do ponto de vista onírico, procurando definir como o masculino e o feminino trabalham os nossos devaneios, tendo como apoio à dualidade da psique em feminino e masculino, que Jung chamou de *anima* e *animus*, respectivamente. Essas polaridades, ora cooperam e ora se opõem. Distingue o sonho noturno, como pertencente ao *animus*, e o devaneio à *anima*. O devaneio sem drama, sem história, nos dá o repouso do feminino, com ele experimentamos a doçura de viver, a lentidão e a paz. Afirma que no devaneio podemos encontrar os elementos para uma filosofia do repouso e para a compreensão de um **“existencialismo do devaneio”**. O sonho noturno pode ser uma luta violenta ou habilidosa contra as censuras. O devaneio nos faz conhecer a linguagem sem censura, pois nele só falamos a nós mesmos.

Afirma que no devaneio solitário nós nos conhecemos no masculino e no feminino, e que o devaneio idealiza o seu objeto e o sonhador. Desse modo, um homem e uma mulher falam na solidão do nosso ser em busca de união. Acredita que Jung demonstrou que primitivamente o psiquismo é andrógino e que o inconsciente é fundamento natural. Para reforço de argumento, indaga: o que há por baixo da máscara supermasculina de Zaratustra? Ele mesmo responde que o homem em sua pretensão mais viril tem também uma anima. Acrescenta que a fenomenologia da anima, **a poética do devaneio, é uma poética da anima**.

Extraí conseqüências lógicas de sua escolha teórica e diz: se o homem é polarizado em *animus*, sonha seu devaneio em anima, e a mulher centrada em anima sonha em *animus*. Um dos efeitos desse raciocínio ele mesmo o expressa: opina que o “feminismo” reforça o *animus* na mulher. Ao *animus* pertencem os

projetos e as preocupações, a *anima* pertence o devaneio que vive o presente das imagens felizes e serenas. O calor íntimo, o âmago, é feminino, pois a *anima* é da profundidade, desce descida sem queda. É descendo que o ser humano encontra a *anima*. Trata-se, porém, de profundidade indeterminada, lugar do repouso da alma, e a alma é feminina. Diz que é no reino das imagens que vamos buscar os benefícios da *anima* porque o conceito pertence ao *animus*. Do ponto de vista da imaginação material, as imagens da água dão a embriaguez da feminilidade. O sonhador da água, portanto, sonha em *anima*.

Sobre o método

Quanto ao método, Bachelard problematiza: onde colher as imagens, na vida ou nos livros? Ele prefere os livros. Assinala que existem dois tipos de leitura: em *anima* – as imagens acolhidas em dons, e em *animus*, ela são acolhidas em vigilância, em prontidão para a crítica e a réplica. O *animus* lê pouco; a *anima* lê muito, mas, fazer um livro, a ação, cabe ao *animus*. Por outro lado, uma imagem recebida em *anima* nos põe em estado de devaneio contínuo, em estado de criação.

Acredita ser necessário esboçar uma filosofia da anima, filosofia da psicologia do feminino profundo. Citando Paul Claudel, lembra que considerada na vida diária, a *anima* seria apenas a burguesa associada ao burguês que é o *animus*. Mas acredita que essa psicologia é por demais evidente e que a psicologia dos homens é um “obstáculo” à filosofia do homem. Pois ao psicólogo interessa as influências do ambiente sobre a forma de ser homem ou mulher, mas ao filósofo interessa o “relevo” do ser, o necessário e não o contingente. Fala em “relevo” do ser porque Bachelard situa-se no campo da filosofia elementar, trabalha com idéias elementares. Desse modo, ele é parte da tradição francesa que busca o elementar. Como exemplo dessa tradição podemos citar as “Formas elementares da vida religiosa”, de Durkheim; e as “Formas elementares do parentesco”, de Lévi-Strauss.

Ao falar das características elementares da *anima*, diz que Jung destonaliza seus próprios pensamentos quando ao citar as crises de choro de Bismarck fala que isso é manifestação da *anima*. Bachelard discorda, afirma que a *anima* não é uma fraqueza. Ela é o princípio interior que rege o nosso repouso. A *anima* repugnam os acidentes, ela é uma substância suave, é um devaneio das águas dormentes que renova sua pureza no devaneio idealizador, não sendo responsável pelas turbulências do *animus*.

Em seguida, aprova Jung nos estudos deste sobre alquimia, definindo-a como **animismo estudioso**, porque se experimenta, e, portanto, se distingue de um animismo ingênuo, natural. Diz que a língua da alquimia é a língua do devaneio cósmico, com ela sonhamos o mundo. Para reencontrar tais sonhos é preciso “dessocializar” a linguagem cotidiana, dando plena realidade à **metáfora**. A metáfora é definida como a origem de uma imagem que atua diretamente por ser arqueológica ou, em termos de Pavlov, por utilizar outro sistema de sinalização. O rei e a rainha, por exemplo - que são as metáforas alquímicas para o masculino e o feminino - não são meros emblemas para a grandeza da obra, são as majestades do masculino e do feminino trabalhando juntos a criação cósmica. De fato os

antropólogos têm reunido documentos etnográficos que reforçam a tese da universalidade da representação do masculino e do feminino como Rei e Rainha. Na pesquisa que deu origem a minha tese de doutorado em Antropologia, onde analiso o imaginário do Santo Daime, encontrei os seres míticos da religião daimista reunidos em *hierogamos* (incestuoso como parecem ser todas as uniões sagradas): a “Rainha da Floresta” e o “Chefe Império Rei Juramidam”. Na Alquimia também as conjunções não são simples, complexificam-se, e chegam ao incesto.

O autor utiliza-se da imagem do alquimista enquanto construtor da “grande Obra” e estabelece um paralelo com o trabalho do escritor. Diz que a matéria (*anima*) aceita a mão (*animus*) e que a psicologia do alquimista é de devaneios. O *animus* tem o seu vocabulário típico de imprecações que provocam rupturas, já o vocabulário da *anima* é de louvor, pois ela devaneia e canta. A ela pertencem a estrutura e a força do canto. Aqui recordo outra constatação que pude fazer sobre o imaginário daimista. Nele existe o entendimento de que sua doutrina vem diretamente do astral superior, através de uma linha de trabalho espiritual que a Rainha da Floresta deu a Mestre Irineu (Chefe Império Rei Juramidam), fundador do culto ao Santo Daime. A doutrina é recebida através de hinos que são cantados na liturgia daimista.

Voltando ao alquimista, ele possui duplo vocabulário: o que diz respeito à exaltação dos nomes das substâncias (a língua de louvor), e o relativo às experiências com as substâncias exaltadas (a língua do trabalho, da técnica, da mão, do saber-fazer sobre as substâncias). O ouro, por exemplo, é símbolo da necessidade de dominação que dinamiza o *animus*. O devaneio falado das substâncias chama a matéria ao nascimento e, por isso a **literatura** é atuante, ela dá aos fatos a sua aura de valores. Ou seja, enquanto “Grande Obra” ela reúne a língua de louvor e a língua de ação manual sobre as substâncias.

Psicologia do amor e projeção psicológica

Para a Antropologia do Imaginário, interessa compreender o homem em sua inclusão no mundo e em sua idealização, esta última trabalha o mundo por devaneios andróginos, associados e postos sob o **signo do adepto e de sua companheira**, conforme nos mostra o imaginário alquímico, entre outros.

Assim, ao referir-se a psicologia do amor, Bachelard salienta a projeção psicológica. Nela, quatro seres idealizados são projetados em duas pessoas, visto que o homem ama a sua *anima* e a projeta na mulher, e a mulher, por sua vez, projeta o seu *animus* no homem. Assim, “conquistar uma alma é encontrar sua própria alma”. Ou melhor, projetar sua própria alma.

O devaneio de comunhão é a vida num duplo. É um processo no qual dobrar e desdobrar trocam reciprocamente suas funções. Ao dobrarmos o nosso ser (idealizando o ente amado), desdobramos a nós mesmos em nossas duas potências de *anima* e de *animus*. Trata-se de **“transferência complexa”**, pois acima dos caracteres mais contrários, acima do cotidiano das situações sociais, ela liga o masculino ao feminino e as relações possíveis entre eles, às diversas situações cósmicas. Logo, não basta o universo biográfico estrito, é preciso atentar para a imaginação cósmica.

Adverte que a androginidade não é a dialética da animalidade, no sentido da criação de uma monstruosidade híbrida, mas apogeu dos devaneios sobre o supermasculino e o superfeminino, atestados pela recorrente temática do duplo, tanto na literatura quanto na psiquiatria. O ente projetado pelo devaneio é duplo porque duplos somos nós mesmos.

O jogo das relações quadripolares e os poderes do andrógino

E assim, Bachelard chega ao jogo das relações quadripolares, onde somos *anima* e *animus*, e ele é *animus* e *anima*. Isto permite ao autor estabelecer um lema: "estou sozinho, portanto somos quatro". Aqui eu me permito uma interpolação no raciocínio de Bachelard para indagar: dado o caráter central e nominativo das relações de parentesco nas sociedades da tradição, o Édipo primitivo teria que se definir no âmbito da relação quadripolar?

Nas sociedades da tradição cada ego é o epicentro de pelo menos uma das quatro quadripolaridades seguintes: 1) pai, mãe, avô-avó; 2) pai, mãe, tio-tia; 3) pai, mãe, irmão-irmã; 4) pai, mãe, sogro-sogra. Para Freud, apoiado em dados etnográficos acerca do tabu da sogra, a última quadripolaridade atesta a ambivalência dos sentimentos e contribui para elucidar o fundamento da regra do incesto.

Pelo raciocínio de Bachelard, se o homem busca a sua *anima* na mulher, e, se sua mulher, por sua vez, é uma projeção de sua mãe, sua sogra (de ego) só pode ser a "réplica" da sua mãe.

Qual pode ser o interesse de nos determos nesse tipo de problema? Quem fala em nós? Todas as entidades importantes do grupo parental? Bachelard, com Jung, fala da bi-polaridade dupla do masculino e do feminino, paradoxo onde o duplo é o duplo de um ente duplo. Fala, ainda, do necessário *hierogamos* para a união dos contrários separados por determinações sociais, visto que o ser em seu fundamento é andrógino e as inflações sociais provocariam oposições, em geral, ríspidamente polarizadas.

Investindo na androginia como base de uma antropologia, Bachelard diz que a androginia não é a remota estrutura biológica que nos traria mitos ancestrais, mas que ela continua aberta diante de nós como tarefa própria e imediata do amor.

O poder do andrógino é o equilíbrio das duplas projeções cruzadas, pois ele faz as uniões bem sucedidas. O ponto de partida é conhecer o seu próprio ideal: quem é você em *anima*, quem é você em *animus*? Em seguida, alimentar a idealização pelo devaneio criativo e construir o ideal no real, no trabalho de busca da androginidade perdida, pois os valores da feminilidade e da masculinidade são hostis quando separados. Cabe ao imaginário coordená-los, diversificando o devaneio das idealizações recíprocas em uma psicologia criante e atuante, visando superar o que o autor chama de "pobre

dialética do cotidiano: o ilogicismo e o lugar-comum”, ou, citando Jung, as personalidades parcelares – o homem inferior e a mulher inferior. Destaca o romance “*Séraphita*”, de Balzac, como exemplo de harmonização andrógina onde ocorre um ideal de vida na própria vida.

Para bem idealizar a mulher, o homem precisa estar em paz com sua *anima*. Para bem idealizar o homem, a mulher precisa estar igualmente bem com sua *anima*, pois a anima é fonte do devaneio no psiquismo, sendo ela quem propicia as sínteses de idealizações. O devaneio, embora sendo uma atividade onírica, nele a consciência permanece clara. O papel da imaginação, função da alma, não é a recusa do real, mas o despertar da vontade para a criação de novas possibilidades.

BIBLIOGRAFIA

BACHELARD, Gaston. A Poética do Devaneio. São Paulo, Martins Fontes, 1988.

BOURDIEU, Pierre. A Dominação Masculina. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1999.

CEMIN, Arneide B. Ordem, Xamanismo e Dádiva – o Poder do Santo Daimê. Tese de doutorado em Antropologia Social. São Paulo, USP, 1998.

DURAND, Gilbert.. **As Estruturas Antropológicas do Imaginário.** São Paulo, Martins Fontes, 1997.

DURKHEIM, Émile. **As Formas Elementares da Vida Religiosa.** São Paulo, Paulinas, 1989.

FOUCAULT, Michel. **As Palavras e as Coisas.** São Paulo, Martins Fontes, 1995.

FREUD, Sigmund. **Totem e Tabu.** Rio de Janeiro, Imago, 1999.

GUATTARI, Félix. **O Inconsciente Maquínico: Ensaios de Esquizoanálise.** Campinas, Papyrus, 1988.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **As Estruturas Elementares do Parentesco.** Petrópolis, Vozes, 1982.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia.** São Paulo, EPU/EDUSP, 1974. (vol. I e II)..

VITRINE

DIVULGUE:

PRIMEIRA VERSÃO
NA INTERNET

<http://www.unir.br/~primeira/index.html>

Consulte o site e leia os artigos
publicados

SUGESTÃO DE LEITURA

o vôo do verbo

não inveja o vôo

da asa

seu céu é próprio

aquí, o vôo marca

só o pássaro passa

*lí
po
poe
pound
agora
pos
so*

CARLOS MOREIRA